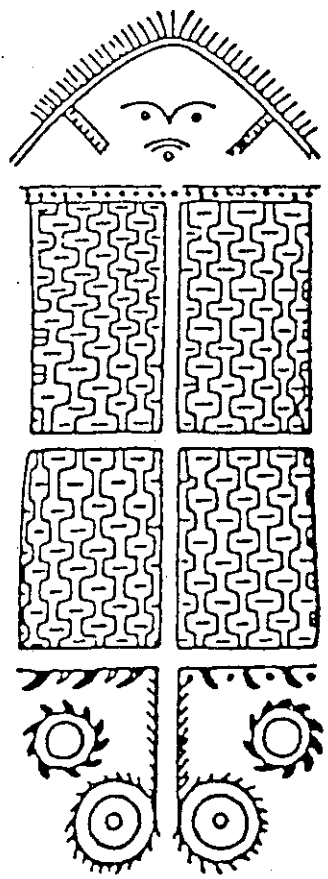


chantiers amerindia

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 28/10/93
cod. TKDppp32



proposta

para uma

grafia Tukano

normalizada

Elsa GOMEZ-IMBERT

Dominique BUCHILLET

A.E.A
1985

La revista AMERINDIA tiene como objetivo contribuir al desarrollo de los estudios amerindios, con la publicación de artículos de lingüística sobre las lenguas indígenas de América, lo mismo que documentos y textos en estas lenguas, analizados desde un punto de vista lingüístico y etnográfico.

AMERINDIA es editada por la Asociación de Etnolingüística Amerindia (A.E.A.). Su dirección científica está a cargo de los miembros del equipo de investigación asociado UA 1026 de la Universidad de Paris-Sorbonne y del Centro Nacional de Investigación Científica (C.N.R.S.), equipo dirigido por el profesor Bernard Pottier.

Comité de redacción: Ruben BAREIRO SAGUIER, Marina BESADA, André CAUTY, Elsa GOMEZ, Michel LAUNEY, Francisco QUEIXALOS, Odile RENAUULT LESCURE, Duna TROIANI, Jacqueline WELLER.

Director de publicación: Francisco QUEIXALOS.

Dirección: AMERINDIA
A.E.A.
B.P. 431
75233 PARIS Cedex 05
FRANCIA

Corresponsal en Norteamérica:
AMERINDIA
c/o Guy BUCHHOLTZER
Department of Anthropology & Sociology
The University of British Columbia
6303 N.W. Marine Drive
VANCOUVER, B.C., CANADA V6T 1W5

NOTA PRELIMINAR

A idéia de elaborar uma proposta unificada de alfabeto para as línguas Tukano orientais nasceu de diversas considerações que indicavam a necessidade urgente de um documento de referência para abrir um debate frutuoso sobre este tema, apresentando algumas bases objetivas que devem ser levadas em conta ao fixar uma norma de escrita para estas línguas.

Por se encontrarem na situação privilegiada de trabalhar com grupos Tukano, morando em ambos os lados da fronteira colombiano-brasileira, as autoras consideram oportuno chamar a atenção das autoridades governamentais e religiosas, responsáveis pela alfabetização em ambos os países, a respeito da uniformização ortográfica das línguas Tukano, embora isso não satisfaça sempre as normas das respectivas línguas nacionais, inconciliáveis em certos pontos (*).

Estando em condições de apreciar a importância da diversidade lingüística, como marcadora da identidade de cada grupo exogâmico, sublinhamos a tendência atual de impor a língua tukano como única língua vernacular de alfabetização, em detrimento da quinzena de línguas restantes; a sua generalização vai contra as normas de fidelidade lingüística dos

falantes e ameaça o sistema de organização social.

A elaboração desta proposta coincidiu com a organização, pelo Comitê Nacional de Linguística Aborígena da Colômbia, do "primeiro seminário para a elaboração dos alfabetos de línguas indígenas", na sede de Yerbabuena do Instituto Caro e Cuervo nos dias 26 e 27 de junho de 1986; aproveitamos este passo tão importante para o estabelecimento das normas gerais, para apresentá-la aos representantes das entidades oficiais, missionários e indígenas presentes. Esta proposta responde a pedidos formulados, do lado brasileiro, tanto pelos indígenas (do grupo desana), como pelos missionários salesianos. Defendêmo-la com o desejo de suscitar encontros em nível regional, sob o auspício das entidades de ambos os países que têm a capacidade de decisão neste assunto, e com a participação das comunidades indígenas interessadas que reivindicam o direito à escrita das suas línguas. A este respeito, parece-nos significativa a tentativa feita pela organização indígena ORIT de estabelecer uma norma ortográfica do tuyuka (ver II), porque reflete o desejo legítimo de diferenciação lingüística de grupos pequenos, os quais correm o risco de aculturação, já assinalado.

Ao redigir este documento baseamo-nos no plano formulado

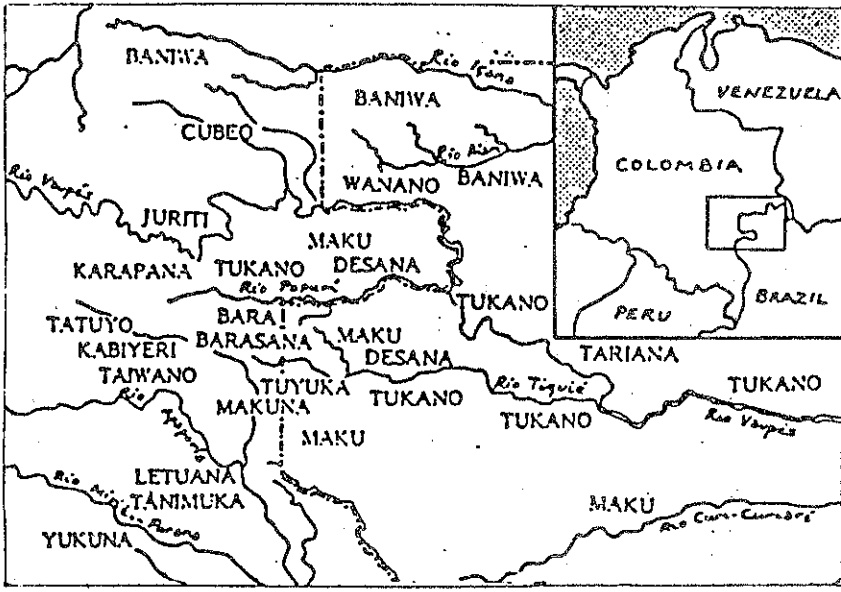
por F. Queixalos numa publicação Ameríndia ** sobre a língua Sikuani do leste colombiano, da qual tiramos algumas idéias. Agradecemos a Eliane Camargo por ter oferecido os dados sobre a fonologia do português brasileiro e a Luiz C. Borges por ter revisado a versão portuguesa desta proposta.



(*) D. Buchillet trabalha com comunidades desana do Brasil; E. Gómez-Imbert com os grupos tatuyo e barasana do Pirapará, Colômbia.

(**) QUEIXALOS F. (1982) : Grafia sikuani normalizada: propuestas. Chantiers Ameríndia, suplemento 2 do n°7 de Ameríndia, A.E.A., Paris.

GRUPOS INDIGENAS DO WAUPES



1. SITUAÇÃO GERAL

Os índios Tukano orientais vivem no Vaupés, território situado em ambos os lados da fronteira colombo-brasileira. O censo da população é pouco confiável tanto para a Colômbia quanto para o Brasil; pode-se, no entanto, calcular um total de aproximadamente 15.000 índios Tukano. Embora a fronteira corte seu território em duas partes, isto não causa nenhum impacto sobre a organização cultural e social indígena. Os Tukano se reconhecem por uma origem e uma história comuns e formam um grupo sócio-cultural homogêneo, cujas principais características são as seguintes: morada ao longo dos rios (em malocas e aldeias); cultivo da mandioca amarga (pelo sistema de coivara); pesca; sistema de parentesco e de matrimônio baseado na diversidade lingüística; narrações míticas com uma trama comum, festas e rituais semelhantes, etc.

Isto, entretanto, não significa que não haja variações entre eles : dividem-se em grupos essencialmente diferenciados pela língua e unidos por laços matrimoniais. As línguas faladas por estes grupos distintos -- bara, barasana, desana, karapana, kubo, makuna, piratapuyo, pisamira, siriano, tatuyo, tukano, tuyuka, wanano, yuriti, etc -- pertencem à mesma família. A posse de uma língua distinta

funciona, porém, como registro de identidade de cada grupo (com algumas poucas exceções a esta regra geral); assim, os indivíduos que falam a mesma língua dizem-se irmãos. De modo corrente, é reconhecido como parente aquele " que fala da mesma maneira", ao passo que outros grupos distinguem-se pelo fato de falarem outras línguas. A língua proporciona a base da identidade, e as diferenças lingüísticas estabelecem as possibilidades matrimoniais : pode-se casar unicamente com alguém que "fale diferente"; ou seja, marido e mulher não tem a mesma língua paterna. A criança é educada para falar somente a língua paterna, emblema de sua identidade, embora ela aprenda naturalmente a materna. Isto demonstra a importância da diversidade lingüística - e de sua conservação - entre os grupos indígenas do Uaupés.

O processo de colonização, iniciado há mais de dois séculos, deteriorou em graus diversos esta organização tradicional, introduzindo importantes mudanças econômicas, políticas e sociais. A alfabetização, que mais cedo ou mais tarde acompanha esse processo, ameaça a sobrevivência das línguas e culturas, por tender à integração pura e simples dos indivíduos na sociedade nacional. Isso não implica que a alfabetização em si deva ser rejeitada porque, como os indígenas já o entenderam, o domínio da língua do colóni-

zador é uma arma de defesa de seus próprios interesses. O que está atualmente sendo questionado é a maneira pela qual ela vem sendo efetuada, contribuindo para a perda das línguas vernaculares mediante :

- * a utilização predominante e quase exclusiva da língua nacional (português ou espanhol), apresentada como língua de "civilizados", i.é., prestigiosa;
- * a utilização das línguas vernaculares como simples trampolins para a aquisição da língua nacional, quando estas conseguem transpor a soleira da escola: não há nenhum respeito por suas características gramaticais ou pela realidade cultural que refletem;
- * o prestígio que confere o domínio da língua colonizadora modifica fundamentalmente as relações entre gerações, ao introduzir elementos de poder alheios à tradição pondo em perigo sua transmissão.

No caso da alfabetização do Vaupés, deparamo-nos em presença de numerosas línguas vernaculares. Na vida cotidiana, os indígenas sublinham as diferenças entre elas como símbolos de seus respectivos grupos. Isto não significa que elas sejam tão distintas entre si e que se torne necessário estabelecer uma ortografia para cada uma. Em primeiro lugar, todas pertencem à mesma família; em segundo, como mostra-

remos mais adiante, a maioria dos sons -- consoantes e vogais -- são comuns a todas elas e, por isto, devem ser representados da mesma maneira. Parece-nos necessário uniformizar um sistema ortográfico, válido para todas as línguas e de ambos os lados da fronteira: eis o objetivo da nossa proposta. Estas sugestões para uma uniformização, fundamentadas em argumentos linguísticos, não devem ser interpretadas como uma tentativa de negação das diferenças ou como um intuito de eliminar a diversidade. É importante manter a riqueza linguística por ser ela o veículo da identidade de cada indivíduo dentro do conjunto Tukano: o desaparecimento das línguas equivale à perda da consciência cultural.

A presente proposta obedece a diversas considerações:

- * necessidade expressa pelos próprios indígenas de escrever, em sua língua, sua própria mitologia porque entendem que a escrita é, finalmente, um meio de preservação e de revalorização da cultura;
- * necessidade sentida pelos governos atuais de integrar no ensino escolar elementos da cultura indígena, num programa de resgate do patrimônio cultural (ver, por exemplo, a legislação sobre a educação bilíngüe);
- * frente à multiplicidade de ortografias que surgem de ambos os lados da fronteira, requer-se urgentemente uma

unificação que permita a sua escrita, tanto por parte dos indígenas como dos brancos, no Brasil e na Colômbia, mantendo o respeito à especificidade das línguas vernaculares.

Evocam-se, com frequência, imperativos práticos para justificar a adoção, na escrita das línguas indígenas, de regras ortográficas próprias à língua nacional e totalmente alheias à estrutura daquelas. Isto significa, no caso presente, que as línguas Tukano deveriam seguir duas regras distintas, se bem que para os indígenas não existe nenhuma fronteira, logo nada justifica a adoção de duas normas ortográficas : uma segundo a portuguesa, outra segundo a espanhola; razão pela qual, aliás, este texto é publicado simultaneamente em português e em espanhol.

II. DIAGNOSTICO DAS NORMAS EXISTENTES

Para mostrar as diferentes tendências a respeito das grafias Tukano, apresentamos e examinamos a seguir seis normas distintas, quatro do lado colombiano, duas do lado brasileiro. O exemplo colombiano compreende :

1) a mostra elaborada na Escola Normal Indígena Nacional da Prefeitura Apostólica de Mitu (que abreviamos ENIN) para o tukano (1).

2) uma síntese das propostas do Instituto Linguístico de Verão (ILV) para toda a família Tukano (2).

3) a grafia utilizada pela ORIT: Organização Indígena do Tiquié para a língua tuyuka (3).

4) a proposta para o barasana, elaborada pela Universidade Social Católica de la Salle (que abreviamos USCS) (4).

As grafias elaboradas do lado brasileiro são:

5) a proposta apresentada numa cartilha tukano publicada pela Secretaria da Educação e Cultura (SEDUC) (5).

6) a dos missionários salesianos do Centro de Pesquisas de Iauareté (que abreviamos CPI) (6).

Apesar da maioria dos trabalhos usados como referência serem assinados por autores (ver notas (1-6)), preferimos identificar as grafias pelas instituições que os apoiam, por nos parecer mais significativo quanto a motivações e impacto em matéria de elaboração dos alfabetos. Todas, exceto a elaborada pela ORIT -- que conta com a assessoria de pessoas vinculadas ao Serviço de Saúde do Uaupés -- provêm de instituições ou pessoas comprometidas em trabalhos missionários, católicos ou protestantes: 1. javerianos, 2. protestantes, 4

	1	2	3	4	5	6
LETRAS	ENIN	ILV	ORIT	USCS	SEDUC	CPI
	tuk.	TUK.	tuy.	bas.	tuk.	tuk.
a) i	i	i	i	i	i	i
e	e	e	e	e	e	e
a	a	a	a	a	a	a
o	o	o	o	o	o	o
u	u	u	u	u	u	u
ui	u	u	u	u	u	ë, ö, ü
b) b	b, m	b, m	b, m	b, m	b, m	b, bh, m
d	d, n	d, n	d, n	d, n	d, n	d, n
j	y, ñ	y, ñ	y, ñ	y, ñ	y, ñ	y, ñ, ny
g	g, gu	g, gu	g, gu	g	g	g, gh
w	v	w	w	v	w	w, v
r	r	r	r	r	r, r	r, R
c) p	p, pj	p	p	p	p, ph	p, ph
t	t, tj	t	t	t	t, th	t, th
c	s	s/ch	s	s, ch	s	s
k	c, qu	c, qu	k, c	c	k, kh	k, kh
h	cj	j	q, qu	j	h	h, x
?	j	h, ' .	h, j	j	'	?
d) ph		pj				
th		tj				
ch		ch				
kh		cj				

quadro 1 : comparação das normas gráficas.

e 6 salesianos; a 5, embora patrocinada por uma entidade oficial, é obra de um religioso salesiano. Parece-nos também importante ressaltar os casos em que houve participação dos próprios interessados; os autores da fonte (1) indicam que o alfabeto proposto é fruto de um seminário do qual participaram numerosos estudantes tukano da ENIN; a publicação (3) ressalta que a comunidade indígena de Trinidad do Tiquié participou de maneira ativa e decisiva na sua elaboração; (5) menciona dois consultores tukano. Ao contrário, para a elaboração do trabalho (4) -- uma gramática do barasana -- foi usada como informante somente uma missionária leiga do interior do país, que durante anos alfabetizou em espanhol e em barasana as crianças do Piraparaná (7).

Estas seis normas confrontam-se com as unidades fonológicas que deveriam representar os fonemas da primeira coluna. Apesar de não existir ainda um estudo lingüístico sistemático do Tukano oriental, nossas próprias observações sobre as línguas que nos são familiares, permitem interpretar os trabalhos que existem nesta área e propor um inventário máximo das unidades a diferenciar no nível gráfico. Nos casos em que subsistam dúvidas a respeito do caráter fonológico de uma unidade, ou quando esta se encontra somente em uma ou em poucas línguas, serão dadas

indicações precisas oportunamente. Basta dizer que assumimos total responsabilidade pelas nossas interpretações (8).

Assinalamos que a língua que foi o centro maior de atenção, quanto a sua norma gráfica, é o tukano (1, 2, 6), fato este que reflete a tendência de impô-la como língua geral (daí a ênfase dada à importância da diversidade linguística)

O quadro apresenta somente as vogais e as consoantes; excluímos a nasalidade -- traço importante embora representado de maneira inconsistente -- e o tom -- ignorado quase sempre -- que serão discutidos separadamente.

a) somente as cinco vogais , cujo timbre é conhecido em esp. e em port., são representadas unanimemente; para a sexta vogal /u/ (tat. ĩdê, bas. ĩdê 'pupunha', tat. ihò, bas. gicó 'jacaré'), do lado colombiano foi seguido o uso do ILV com u; SEDUC usou ü e CPI ü, ö, ü; pode-se descartar desde agora as grafias na base de a e o, por não existir relação especial entre estas e a sexta, excepto o fato delas serem vogais (transcrevemos aqui ı).

b) as consoantes /b , d , j / são uniformemente representadas de duas maneiras, baseando-se na enunciação oral (tat. bàhá- bas. bàcá- 'dançar/cantar', tat. e bas. díirò 'grilo',

tat. iái bas. iái 'jaguar') e nasal (tat. ḡbáhá bas. ḡbáçá 'gente', tat. ḡdáu bas. ḡdáhú 'beiju', tat. ḡiákó bas. ḡiákó 'estrela'), exceto CPI que agrega bh e ny.

/g / (bas. gòhé 'buraco', ḡigéa 'nariz', ḡgahá 'mutum') ENIN e ILV seguem a regra ortográfica esp.: ga. gue. gui. go. gu. gu; ORIT e USCS propõem uma representação gráfica única g, embora em certas ocasiões haja interferência da norma esp. sob a representação de gue. Do lado brasileiro, SEDUC adota a representação fonêmica, CPI introduz uma nuance de pronúncia (?) gh. A coerência na representação oral e nasal seguida para as três primeiras consoantes não é mantida aqui; anotando-se g embora se pronuncie [g] e [ŋ] (como em esp. banco).

/r /: (tat. ráhé bas. ràçé 'tucano', tat. e bas. ḡribi 'dia'); as normas colombianas são consistentes e representam de maneira conveniente esta consoante, exceção feita à proposta marginal do ILV para o piratapuyo que estabelece a norma em nível pseudo-fonético: r_l_l; [l] não corresponde a nenhum som Tukano (/r / soa aproximadamente como o esp. caro, capita); CPI escreve R_l ao lado de r_l talvez para uma realização um pouco posterior; SEDUC desdobra também o /r / em r oral e ḡ nasal

/w/ (tat. wai bas. wai bar. wái 'peixe', tat. wii bas. wii bar. wíi 'maloca', em várias línguas [wáti 'espírito da mata') recebe duas representações: w -- ILV, ORIT e SEDUC -- e y -- ENIN, USCS --; CPI usa ambas; a primeira corresponde à unidade fonológica, a segunda parece ser motivada por uma das suas realizações [β] (como o segundo b do esp. bofo), considerada como oclusiva labiodental sonora, antiga pronúncia do y em esp. ou por uma labiodental da fricativa na fala anormalmente lenta; o fenômeno das pronúncias nasal e oral ainda não foi sistematicamente representado quanto a sua grafia, de forma a manter a simetria que caracteriza este grupo (b).

c) /p / e /t / (tat. e bas. pátú 'coca') não causam problemas de escrita exceto em tuk., onde encontram-se paralelamente as grafias pi, ti (ENIN) e ph, th (SEDUC e CPI); não está claro se elas refletem uma variação de pronúncia ou dois fonemas distintos (discuti-las-emos em (d)).

/k / (tat. kubú bas. e bar. kubú 'pajé'): do lado colombiano ENIN e ILV seguem a regra ortográfica do esp. com a dupla grafia c ~ qu (ca, que, qui, ca, cu, cu); visivelmente, ORIT institui como norma k, mas, como há interferência da regra esp., encontra-se de maneira marginal c (kcq

ʔkɔ) q (icariqʔ) e qu (queti ~ kati); USCS estende a regra de correspondência q = /k / a todos os âmbitos vocálicos, embora apareça de vez em quando qu (queti) e sendo que a mesma regra existe também em port., os brasileiros têm adotado a simbolização única k.

/c / (bas. gicá 'jacaré'): a representação ç, que predomina, traduz uma das pronúncias deste fonema; a anotação ç, çh da USCS reflete a sua interpretação das duas realizações de um mesmo fonema como dois distintos; SEDUC escreve çh ao lado de ç, sem explicar seu valor; ILV interpreta-a como /ç/ e escreve çh em Kubeo.

/h / (tat. hôpê bas. còhé bar. hôpé 'porta'): os colombianos seguem a grafia esp. j para este fonema, exceto a ORIT que oscila entre j e h; do lado brasileiro, como j representa outro som, os autores recorrem ao símbolo adequado h. Além disso, CPI utiliza x apesar deste som velar não existir nas línguas Tukano. O símbolo escolhido para /h/ serve igualmente para anotar a articulação aspirada de certas unidades deste mesmo grupo, que discutiremos em (d).

/ʔ/ para as línguas em que parece ter existência fonológica -- wanano, tukano; piratapuyo, desana (embora que J. Kaye

não o interprete como tal nesta última língua)-- o ILV, em contradição consigo mesmo, propõe duas normas: h e ʔ, a primeira para seguir a imagem da pronúncia do h esp. ENIN esquece arbitrariamente de anotá-la, SEDUC adota ʔ e CPI ʔ.

(d) Agrupamos separadamente a representação da articulação aspirada de certas consoantes do grupo (c). O ILV dá sómente um caráter de fonema para as oclusivas aspiradas /ph, th, kh/ em wanano, e segue a correspondência /h / = j ao escrevê-las: pi, ti, qi. Adiantamos a hipótese de que /c /, nesta mesma língua, é também uma aspirada /ch / que complementaria a série; o dígrafo ch simbolizaria-a então adequadamente.

Para o tukano não fica claro se se tratam de fonemas ou de variantes das consoantes /p, t, k /, donde a necessidade de duas notações. ENIN, SEDUC e CPI transcrevem-nas, ao passo que ILV não o faz. Além do mais, ENIN marca, sem necessidade alguma, a pré-aspiração automática destas mesmas unidades. ORIT representa esporadicamente este mesmo fonema em tuyuka: uico ~ uico ~ uico ~ uko. Em geral, a norma que foi adotada para /h / estende-se a estes casos.

III. ELEMENTOS DE FONOLOGIA E PRONUNCIÇÃO TUKANO

Sendo um traço predominante nestas línguas, a nasalidade está indissolúvelmente associada (a) às vogais e (b) às consoantes sonoras, que apresentaremos em seguida :

a) <u>vogais</u>	anteriores	posteriores	
altas	i	ui	u
não altas	e	a	o

Todas estas vogais apresentam duas pronúncias: uma oral (o ar sai somente pela boca), outra nasal (o ar escapa pela nariz e pela boca), segundo a vogal pertença a um morfema nasal por natureza ou que se tenha nasalizado em contato com um nasal. As pronúncias orais/nasais das vogais e consoantes são uniformes dentro do morfema. Os timbres das vogais /i, e, a, o, u / são idênticas às respectivas do esp. e do port.; a sexta vogal é um som novo para o ouvido esp. ou port..

/u/ no Tukano, as duas variantes desta vogal poderão chegar a ser pronunciadas : 1) a partir de [u], estirando os lábios como para [i] se obterá a posterior [ui]; 2) a partir de [a] levantando a língua progressivamente se obterá a central [ɨ]. /u/ é uma vogal fechada como /i, u /, posterior como

/u, o, a /, não arredondada como /i, e, a /; quando acompanha as consoantes /p, b, t, d / (oclusivas labiais e alveolares) transmite-lhes sua qualidade posterior ou velar e realiza-se como [u] (tat. /bù pù/ [bù pù] 'aranha selvagem', pronuncia-se também [u] com as consoantes velares como /k, g /; nos outros contextos, ela se realiza de maneira central [ɨ] (tat. /jú ú / [jɨ] bas. /jú ú / [jɨ] bar. /jú ú / [jɨ] 'eu'); nós a representamos nos exemplos anteriores como ɨ.

Os grupos de vogais são muito frequentes nestas línguas, quer se trate de vogais idênticas (i, ee etc.) ou quer de vogais distintas. Dentro de um mesmo morfema, pode-se observar uma tendência para a harmonia dos timbres vocálicos, ocorrendo ou não consoantes intermediárias :

<u>tat.</u>	<u>bas.</u>	<u>bar.</u>	
~kíi	~kíi	~kíi	'mandioca brava'
wéhè	wècé	wéhé	'roça'
~áá	~gàhá	~áá	'mutum'
ókó	ókó	ókó	'água'
wíi	wíhí	wíi	'arumã'

A dupla vogal pode ser essencial para opor significados: bas. wáá~bi tat. áá~bi 'ele foi' / bas. wá~bi tat. á~bi 'ele veio'; não podendo, assim, ser reduzida a uma única. Nem todas as combinações de vogais são possíveis dentro de um morfema, e nem na fronteira entre dois morfemas de uma mesma palavra; uma das restrições mais fortes incide sobre a combinação de /e, i / com /i /: ao formar uma palavra na qual se encontrem em fronteiras /e, i/ e /i/, fazem com que /i / se modifique até /i /, anteriorizando-a.

b) Consoantes sonoras

labial	alveolar	palatal	velar
b	d	j	g
w	r		

Esta sub-classe de consoantes está uniformemente afetada nas suas realizações pelo ambiente nasal, assim :

	<u>ambiente oral</u>	<u>ambiente nasal</u>
/b/	[ba]	[mã]
/d/	[da]	[nã]
/j/	[ja]	[ñã]
/g/	[ga]	[ŋã]
/w/	[wa]	[wã]
/r/	[ra]	[rã]

Isto é, nestas sílabas existe uma harmonia entre os sons consonânticos sonoros e os sons vocálicos, quanto a sua pronúncia oral ou nasal. Se a vogal é oral, a consoante também o é (coluna da esquerda), o mesmo ocorrendo com a vogal nasal (coluna da direita); não existe nestas línguas sílabas com uma consoante sonora oral e uma vogal nasal * [bã] ou com uma consoante sonora nasal e uma vogal oral * [ma], como existe em português e em francês, por exemplo.

Esta harmonia nasal ou oral funciona no nível do morfema, ou seja, este traço não pertence nem às vogais nem às consoantes, mas sim à unidade lexical ou gramatical : o morfema. A maioria dos morfemas é oral ou nasal por natureza, transmitindo a qualidade de nasalidade ou de oralidade ao combinar-se com um pequeno grupo de morfemas que não tem essa qualidade inerente e que muda segundo o ambiente; em tatuyo encontramos um outro grupo pequeno de morfemas sempre nasais que não contaminam os seus arredores com este traço. Representamos o caráter nasal de um morfema pelo signo de nasalidade ~ colocado no seu início.

Outros fenômenos de pronúncia estão ligados a esta propriedade do morfema: numa fronteira onde colidem um morfema

nasal e um oral que não se alteram mutuamente, as consoantes /b, d, j, g / adquirem um início nasal [mb, nd, ñj, ŋg]; se elas fazem parte de um morfema nasal e se o que as precede é oral, elas se realizam com um início oral [bm, dn, ãñ, gŋ] (esta última parece ser menos sistemática). As consoantes surdas (c) não modificam de maneira sensível as suas pronúncias num âmbito nasal ou oral.

Alguns exemplos mostraram que existe somente um contraste entre morfemas orais e morfemas nasais (damo-los somente em tatuyo) :

<u>morfema oral</u>	<u>morfema nasal</u>
báà- 'nadar'	~báà- 'aportar'
wádúti 'esp. de peixe'	~wádôpi 'mutum'
júú- 'esperar'	~júú- 'ser bom/bonitão'
bígó- 'colocar-se colares'	~bígó- 'mover para cima'
wáré- 'esfregar'	~wáré- 'velar'
páá- 'golpear'	~páá- 'abrir'
táá- 'cortar'	~táá- 'assar na brasa'
céêto 'muito'	~cúá 'nené'
íki- 'ser gordo, inchado'	~íki- 'limar'
hià- 'atar, liar'	~hià- 'matar'

Estas consoantes são comuns a todas as línguas Tukano. É possível que em alguns casos /d / e /r / fundem-se num mesmo fonema (assim o interpreta J. Kaye para o desana): este é um ponto a ser aprofundado.

c) Consoantes surdas

labial	alveolar	palatal	velar	glotal
p	t	c	k	?/h

/p /: esta consoante oclusiva labial existe em todas as línguas Tukano embora em mak. e bas. ela seja marginal por ter evoluído na direção do /h / ao relaxar sua articulação (comparar tat. e bas. respectivamente: páka háka 'mãe', ~pábà ~háábá 'tatu'); certas regras, no entanto, funcionam ainda com base num sistema onde existe /p /. Este processo de relaxamento poderia estar em curso em línguas como bará, onde /p/ é freqüentemente realizado como uma fricativa (é o som da fricção produzida ao soprar o fogo). Obtém-se [h] ao relaxar completamente [p]. Em tuk. a pré-aspirada [hp] realiza-se no início do morfema; é possível que [ph] seja uma outra variante deste fonema, mas isto requer verificação.

/t / e /k /: as oclusivas alveolar e velar (tat. káta bas. kátá bar. kátá 'peru') existem em todas as línguas Tukano.

As observações feitas a propósito de /p / em tuk. estendem-se também à /t /, /k / e ao segmento seguinte /c /.

/c /: este é um dos pontos mais difíceis da fonologia Tukano, por se achar visivelmente em evolução. ILV o interpreta como fricativa palatal no kub. e como fricativa alveolar nas outras línguas (ele é marginal no tat. e bar. por ter evoluído até /h /, mudança paralela à de /p / em mak. e bas.). Parece que a realização deste fonema está passando da zona palatal indo até a zona alveolar. Na pronúncia dos velhos este fonema é predominantemente palatal e africado (veja o esp. hacha), ao passo que na dos jovens ele é mais anterior, uma afrificada alveolar [ts] (ver alemão Zeit), sendo uma fricativa alveolar [s], próxima da pronúncia mais comum do z na Colômbia; raramente é palatal. A pronúncia da geração mais velha corresponde ao carácter de palatal com um início oclusivo que o sistema revela para esta unidade, pois forma um par com a palatal sonora /j /, numa série de alternâncias: por exemplo, na conjugação bas. a marca do imperativo passa de -ja à -ca e de modalidade citativa de -ju à -cu. Estes fonemas palatais /c, j / embora de realização afrificada (= oclusão + fricção) ou fricativa, comportam-se de maneira semelhante às oclusivas /p, t, k / e /b, d, g / respectivamente, por isso integramo-las nesta série.

/h / e /ʔ /: todas as línguas têm a consoante aproximante glotal /h /e somente algumas a oclusiva /ʔ /. Assinalamos que em bas. e tat. /h / é, em parte, o resultado de uma evolução de /p /e /c /. Notamos igualmente a possibilidade de que /ʔ / seja interpretada não como um morfema, mas como uma interrupção da vogal em desana, porém não podemos nos pronunciar a este respeito.

d) Oclusivas surdas aspiradas

Tomamos a análise do ILV para o wanano, em que se postula uma oposição entre uma série de oclusivas surdas não aspiradas e uma outra de aspiradas. A nossa hipótese se diferencia dessa análise quanto à organização do sistema, por razões de simetria. Segundo os autores, o wanano é a única língua que apresenta, fora da consoante que temos interpretado como /c/, uma palatal aspirada. Colocando esta aspiração em relação com a de /ph, th, kh /, as duas séries poderiam se organizar assim :

	labial	alveolar	palatal	velar
não aspirada	p	t	c	k
aspirada	ph	th	ch	kh

e) Os tons

Todas as línguas Tukano parecem compartilhar o traço de possuir dois tons fonológicos : alto /' e baixo /'. Nas línguas que conhecemos os tons têm uma função distintiva no campo lexical, em oposições como apresentadas abaixo

(exemplos em tatuyo) :

óú	'tartaruga'	óú	'pacu'
óúbú	'japu'	óúbú	'tronco deitado'
ókó	'espécie de fruta'	ókò	'água'
póhà	'espécie de peixe'	póhà	'indígenas maku'
áti-	'fazer'	áti-	'vir'
yúú-	'esperar'	yúú-	'engolir'
báú-	'escutar'	báú-	'aparecer'
óhà-	'preparar o beiju'	óhà-	'banhar-se'

etc...

IV. PROPOSTAS PARA UMA GRAFIA TUKANO NORMALIZADA

" O alfabeto carapana conta com as 27 letras seguintes: a, ã, b, c, d, e, ê, g, i, ï, j, m, n, o, õ, p, q, r, s, t, u, ù, û, ù, ù, w, y ". O desenho desse alfabeto aproxima-se ao do espanhol, língua nacional da Colômbia, já que a maioria das le-

tras do alfabeto carapana é idêntica ao do espanhol. Portanto, é necessário ter algumas letras adicionais para os sons que não existem no espanhol. Deve-se levar em conta que o som na língua carapana pode ser distinto ao da mesma letra em espanhol" (9)

Pensamos que toda criança que vai para escola pela primeira vez deve-se encontrar na mesma situação de toda criança brasileira ou colombiana que começa a aprendizagem da leitura e da escrita : deve ser iniciada a partir da sua própria língua, que já domina oralmente. A acumulação das dificuldades representada pela aprendizagem simultânea da língua nacional oral e escrita, que a criança do Uaupês desconhece totalmente, significa uma desvantagem que compromete o êxito da alfabetização. Por esta e outras razões invocadas na primeira parte desta proposta, é evidente que a alfabetização deve ser iniciada na língua vernacular, numa primeira etapa, e que a aquisição da língua espanhola ou portuguesa somente deverá constituir uma segunda etapa, podendo desta forma escalonar as dificuldades.

Vista desta forma, a questão do alfabeto equaciona-se de

maneira diferente. Não se pode negar o fato de que é mais fácil aprender uma regra que associa um fonema e um símbolo gráfico de maneira unívoca, que ter de associar a um mesmo símbolo dois valores distintos ou, inversamente, utilizar dois símbolos para uma mesma unidade.

Isto poderia ser ilustrado com os valores das letras q, qu, k, s:

- regras não unívocas:

1a) /k / é representado q antes de a, o, u

1b) /k / é representado qu antes de e, i

2a) q representa /s / antes de e, i

2b) s representa /s / com todas as vogais

3a) u representa /u /

3b) u não se lê depois de q

- regra unívoca: /k / se representa k

Pensando que o alfabeto Tukano deve ser elaborado prioritariamente para os falantes destas línguas, propomos eliminar dele as suas arbitrariedades, livre das quais a escrita parecerá mais acessível, por tratar-se de uma simbolização lógica de um sistema conhecido. Propomos o seguinte alfabeto geral para as línguas Tukano: a, b, d, e, g, h, i, j, k, o, p, r, s, t, u, w, y; a estas letras agregamos um símbolo

de nasalidade $\tilde{}$ e $_$ para o tom alto.

As palavras Tukano, contrariamente ao port. e ao esp., não contêm grupos consonânticos; a sílaba é igual a uma vogal, uma consoante mais uma vogal, e nas línguas onde existe /ʔ/ esta aparece depois da vogal. Parece-nos importante que a escrita reflita esta estrutura silábica fielmente, pois é um dos fatores que dá uma textura especial a cada língua.

Argumentamos a seguir os pontos da nossa proposta que não são evidentes para um hispano ou luso-fônico :

i: já assinalamos as duas realizações de /u/, [u] e [ɨ], embora tratando-se de uma vogal posterior, escrevemos a central $\dot{\text{i}}$ por razões pedagógicas. Sublinhamos, anteriormente um processo de assimilação entre esta vogal e as vogais /e, i/ em limite morfêmico. Existem morfemas, como o classificador de nominais $\dot{\text{i}}$ 'masculino singular', que sofrem esta mudança, representado:

por ENIN

marap $\dot{\text{i}}$

dajsei

por nós

$\tilde{\text{b}}$ arap $\dot{\text{i}}$ 'marido'

dase $\dot{\text{i}}$ 'homem tukano'

≠ não permite a mesma associação que existe entre *í* e *i*, e perturba a identificação das entidades primordiais; ao propor ≠ para o fonema que ele identifica como central /*ɛ* /, o ILV argumenta em seus primeiros artigos que "é mais fácil para a escrita cursiva" e posteriormente que "está sendo usado para não ser confundido com o 't' na escrita cursiva"; se aceitássemos este argumento, deveríamos revisar inteiramente o alfabeto latino porque, dado à sua estrutura, esta não seria a única possibilidade de confusão; ver, por exemplo, *e* e *l*, caso similar ao de *í* e *t*.

Nasalidade

Um dos pontos mais difíceis em matéria de escrita é, sem dúvida, a representação da nasalidade. Observamos que as normas existentes estabelecem diferenças quanto à pronúncia oral/nasal para /b, d, y /, ao passo que mantém um símbolo único para /g, w, r /, mesmo que eles sejam igualmente afetados pela nasalidade na pronúncia. Alguns exemplos mostrarão a inconsistência na representação deste traço afetando às vezes as consoantes e as vogais, fato ignorado, ainda que exista fonologicamente :

<u>grafia corrente</u>	<u>pronúncia</u>	<u>fonologia</u>	<u>nós</u>
1a) baba	báábá	báá-bá	baába (10)
1b) iãma	iããã	~iã-bã	iãba

2a) noniña	nõníñã	~dõdí-yà	dõdīya
2b) igaya	igáyã	igá-yà	igaya
3a) daquegu	dákégũ	dáké-gi	dakegi
3b) quenagu	kěnáñũ	~kedá-gi	kědāgi
4a) -rungu-	rũñũ	-~rũgú-	rũgũ
4b) gone	ñõné	~gõdé-	gõdē
5a) ngajire	ñãhĩřé	gãhé-~i-re	gãhĩre
5b) gajeo	gãhéõ	gãhé-o	gaheo
6) vati	wãtĩ	~wãtĩ	wãtĩ

Ao tratar de enunciar as regras subjacentes a esta escrita, encontram-se realizações como:

i) nasalizar a vogal depois de m, n, ñ (1a-b, 3b, 4b).

ii) nasalizar g quando segue n (4a, 5a); mas: a) projetar a nasalidade à esquerda e à direita (4a); b) projetar a nasalidade à direita sobre a palavra toda.

E difícil decidir em que nível se situam estas representações: nas sílabas como ru (4a), go (4b), va (6), nada indica que consoante e vogal devem se realizar nasais; nas sílabas tais como que (3b) e ti (6) a nasalidade da vogal é pouco previsível. O leitor poderá tratar de ligar de maneira lógica as colunas apresentadas e formular as regras que regem a representação.

O inconveniente mais sério que encontramos ao desdobramento ortográfico oral/nasal é, uma vez mais, de ordem morfológica: apresentamos em (1), (2), (3) três morfemas gramaticais: *-bâ* 'permissivo' e *-yâ* 'imperativo', perdendo sua identidade na dupla representação; ao contrário, é mais consistente a representação de *-gã* 'classificador masculino singular', cuja identidade se manteve. E, no entanto, evidente que esta escrita está cheia de contradições.

Nossa proposta de representação unificada das consoantes sonoras, cuja nasalidade se estende a partir da vogal que convive na mesma sílaba, apela para um nível de abstração manifestado pelos "erros" na escrita de pessoas alfabetizadas "A espanhola". No documento da ORIT vemos alternar *Biñoburo/Miñoburo* para algo que é [m] foneticamente mas /b / fonologicamente. Numa carta, uma adolescente barasana escreve *muto* para *bitó* 'muito', foneticamente e fonologicamente /b /. Foram tomadas, neste ponto, decisões apressadas, sem basear-se provavelmente numa *verdadeira* experimentação com os locutores, o que sugerimos como algo de urgente. Embora não pensemos que a representação da nasalidade em nível morfológico seja viável, porque implicaria a divisão da palavra em morfemas, acreditamos que poderia ser experimentado.

c) A escrita das oclusivas surdas apresenta um problema na realização velar: propomos k no lugar de q, qu, que não estabelecem uma correspondência de unidade a unidade entre o oral e o escrito, fazendo assim uma distinção no nível gráfico o que não existe no nível sonoro; este símbolo existe nos alfabetos port. e esp. e apesar de ser marginal, é ensinado nas escolas.

ç: escolhemos este símbolo para /c / por representar um de seus alofones e, por ter um valor único no esp. normativo, evitando assim um cruzamento de regras. Configurar-se-á, no entanto, um problema de coerência para a escrita do wanano se nossa hipótese for verificada, pois haverá de unificar ç sh ou ç ch; deixamos assim este ponto em aberto.

Propomos h e l para representar a aspirada e a oclusiva glotais. A idéia do ILV de associar a mudez do h do esp./port. (hombre, homem) a interrupção glotal /ʔ / tem uma base fonética errônea que, se for usada para facilitar a passagem às línguas nacionais, poderá somente criar confusão pois para ler as palavras ahorro (esp.) najjari e nahi (wan.) a criança deverá aprender :

a) aho ≠ [ao] b) ai ≠ [ai] c) ahi ≠ [aʔi]

quer dizer que em nenhum momento a letra h ou a sua ausência remeterá à mesma pronúncia; além disso, o dígrafo ch para

/c/ dificultará a identificação dos valores do h; em port.; isto se complicará, ainda mais, por existir um valor sistemático de palatalização associado ao h nos grupos nh_ lh_ ch (ninho, folha, chegar).

j # /h /: o único argumento favorável nesta associação é a de seguir parcialmente a norma esp.; esta regra deverá se completar com a da correspondência g # /h /quando precede e_ i, correspondência esta que deverá ser dissociada de g # /g / nos ambientes a_ o_ u. No esp. pode-se encontrar um argumento a favor da grafia do h: a pronúncia mais corrente na Colúmbia de certas palavras com h: harto [hartol], hincho [híñčol]. No Brasil, esta representação é impossível porque já existe a associação /ž /# i, como em jararaca, lantar.

d) com a aspirada velar do wan. escrita cia, cie, cii, cio, ciu, ci# chega-se a deformar completamente a estrutura silábica da língua, entrando em contradição com as regras de uso do c e qu, porque neste caso c pronunciar-se-ia uniformemente /k /; parece-nos ainda que a semelhança entre i e i deveria ser levada em consideração como uma associação possível, da mesma maneira que a seleção de # para a sexta vogal determinou a combinação cu no lugar de qui.

e) Propomos representar o tom alto por ´ e deixar o baixo sem marca. Identificar cada sílaba de uma unidade lexical pela sua altura tônica complicaria excessivamente a escrita, e talvez não contribuiria de maneira significativa para o reconhecimento da palavra gráfica. Por isso sugerimos marcar o tom somente quando este permite opôr significados. A título de ilustração mostramos como diferenciar as formas da lista dada na pág. 26 : mu/úu, ~úbú/~ubu, ókó/óko, póha/poha, áti-/ati, yúu-/yuú, báu-/baú, úhá-/úha-

V. SINTESE DE NOSSA PROPOSTA

Sintetizamos no quadro 2 a proposta detalhada nas seções III e IV, que poderá ser comparada com o quadro 1.

Assinalamos anteriormente a dificuldade que constitui a representação da nasalidade e propusemos transcrevê-la com o til sobre cada vogal de um morfema inerentemente nasal. Sem dúvida, haverá um problema de legibilidade quando for necessário marcar a nasalidade e o tom alto numa mesma vogal. Por isso, não há que descartar a representação morfémica.

Requer-se, assim, trabalhos experimentais com crianças que que não tenham recebido nenhum treinamento em leitura-escrita (para evitar influências das línguas nacionais), com a

	FONEMAS	GRAFEMAS
a)	i e a o u ui	i e a o u i
b)	b d j g w r	b d y g w r
c)	p t c k h ʔ	p t s k h '
d)	ph th ch kh '	ph th ch ou sh (ver p.31) kh '
nasalidade	~ morfema	não se marca ~ morfema cvcv

quadro 2 : síntese de nossa proposta

assessoria de pedagogos e psicólogos. Esta parece nos ser uma tarefa urgente, que mudará, talvez, algumas idéias herdadas quanto à facilidade ou à dificuldade da escrita em pontos críticos como este.

NOTAS

(1) VELEZ R., PARAMO A. (1984): Dajsee ucuse. Texto de lengua tucana (2° nivel de enseñanza secundaria) versión corregida. Prefectura Apostólica de Mitú, Escuela Normal Indígena Nacional, Mitú. Os autores identificam-se como representantes da ENIN e do Instituto Missionário de Antropologia. Escrevemos Tukano com maiúcula ao referirmos à família lingüística e reservamos as minúsculas às línguas particulares (tukano); em certas ocasiões abreviamos os nomes destas últimas usando as três primeiras letras (des.=desana), exceto no caso do barasana (=bas.), para distingui-lo do bara (=bar.).

(2) Ver o quadro no fim de cada fonologia em Sistemas fonológicos de idiomas colombianos, vol. I-IV (1972-79), Ministerio de Gobierno, Instituto Lingüístico de Verano, Lomalinda.

(3) Baseamo-nos na cartilha Narración de una historia de la Comunidad Indígena Trinidad, Tiquié (Bijoburo Musaká) Cómo manejaríamos nuestro futuro, ORIT Organización Indígena del Tiquié. Publicação patrocinada pelo programa de Saúde em Atenção Primária do convênio colombo-holandês, Editora Gente Nueva.

(4) Ver : FRANCO G.E., MONGUI J.R. (s.f.): Gramática yebamasa, Universidade Social Católica de "La salle", Bogotá.

(5) BEKSTA C. (1984): 1ª cartilha tukano, Secretaria da Educação e Cultura, Núcleo de recursos Tecnológicos, SEDUC-N.R.T., Manaus, Am.

(6) BRÜZZI ALVES da SILVA A. (1961): Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos Rios Uaupés, Içana e Cauaburi. Centro de Pesquisas de Iauareté (Amazonas), São Paulo, 2 vol. Embora existam listas de palavras em diferentes línguas tukano, como de outras famílias, selecionamos a transcrição do tukano para poder compará-la com 1 e 5.

(7) Esta missionária, Bertha Díaz, trabalhou durante anos na missão da Prefeitura Apostólica de ãnda-ya.

(8) Fora dos trabalhos já mencionados, consultamos J.Kaye (1970): The desain verb: problems in semantics, syntax and phonology, tese de doutorado, Universidade de Colômbia. Nós não dispusemos no curso desta redação dos trabalhos de A. Sorensen para consulta.

(9) METZGER R. (1981): Gramática popular del carapana, Ministerio de Gobierno, I.L.V., Bogotá. Frase sublinhada por nós.

(10) As traduções destas formas são: 1a) '(se) te permite/(se) te convida para comer'; 1b) '(se) te permite/(se) te convida para olhar'; (2a) 'dá!'; (2b) 'come!'; (3a) 'criança'; (3b) 'o moço bom/o moço bonito'; (4a) 'acostumar'; (4b) 'urinar'; (5a) 'ao outro (masc.sing.)'; (5b) 'à outra'; (6) 'espírito da mata'.

ÍNDICE

Nota preliminar.....	1
I. Situação geral.....	5
II. Diagnóstico das normas existentes.....	9
III. Elementos de fonologia e pronúnciação Tukano.....	18
a) vogais.....	18
b) consoantes sonoras.....	20
c) consoantes surdas.....	23
d) oclusivas surdas aspiradas.....	25
e) os tons.....	26
IV. Propostas para uma grafia Tukano normalizada.....	26
V. Síntese de nossa proposta.....	35
Notas.....	37

1. Los manuscritos sometidos al comité de redacción de AMERINDIA no deben contener ninguna dificultad formal que oscurezca su interpretación. Ante todo el texto debe seguir siendo legible después de haber sido fotocopiado.
2. El artículo no debe constar de más de 30 páginas escritas a máquina a doble espacio.
3. AMERINDIA publica en francés, inglés, español y portugués. Todo artículo debe llevar debajo del título el nombre del autor y si es del caso mencionar el organismo científico o la universidad de que forma parte el autor. El manuscrito se acompañará de un resumen de unos 10 renglones redactado por el autor.
4. Cuando la lengua que es objeto de estudio es poco conocida, convendría presentar en una breve exposición sus características más importantes, su filiación y algunos datos culturales y demográficos acerca de sus hablantes. Un mapa de localización sería muy útil al respecto (todo manuscrito o trazo como mapa, figura, etc., debe ser suministrado por el autor en su versión definitiva y ejecutado con tinta China en papel de calco o cartulina).
5. En el caso que se empleen grafismos inhabituales o ambiguos el autor se esforzará en evitar toda dificultad de interpretación. En este caso es importante presentar un resumen del sistema fonológico de la lengua y eventualmente los símbolos ortográficos correspondientes.
6. Las citas bibliográficas llevarán en el texto solamente el nombre del autor, el año y si es del caso la indicación de la(s) página(s). Al final del artículo se dará una lista de las referencias completas.
7. Las llamadas de notas deben figurar en el texto en numeración seguida. Las notas aparecerán reunidas al final del manuscrito en una hoja aparte.
8. En su sección Notas y Documentos, AMERINDIA publica textos redactados en lenguas amerindias, acompañados de su traducción en una de las lenguas de la revista. Sugerimos con insistencia a los autores que tengan en cuenta las convenciones que se utilizan en los textos ya publicados (paginación, segmentación de los enunciados, etc. En caso de traducción yuxtalineal, los términos gramaticales figurarán en bastardillas).
9. El comité de redacción se reserva el derecho de modificar la presentación de los artículos en función de las normas de la revista.
10. Los manuscritos no aceptados no serán devueltos, salvo demanda explícita del autor.
11. La publicación de un artículo en AMERINDIA no implica ningún derecho de autor. No obstante el autor recibirá 20 separatas de su artículo.
12. Los manuscritos para los CHANTIERS AMERINDIA deben ser enviados en su versión definitiva conformándose a las indicaciones ya mencionadas, con excepción de la limitación del número de páginas y de la disposición de las notas. La numeración de las páginas debe aparecer en la parte de arriba del texto, los números pares a la izquierda y los impares a la derecha. Se recomienda dejar un margen de tres centímetros (de largo y de ancho) entre el texto y el borde de la página.

El interés de publicaciones ligeras que combinen una elaboración poco dispendiosa, una difusión rápida y sobre todo una toma directa al vivo de la actividad del investigador, es cada día más evidente. Así lo muestran la profusión de "working papers", prepublicaciones, "news letters", "cahiers de travail", miniediciones. Conocer y a la vez dar a conocer el estado de un trabajo sin tener que plegarse a los plazos habituales impuestos por la elaboración formal del conjunto de resultados destinados a una publicación clásica, se ha convertido en una verdadera necesidad para el investigador.

La serie CHANTIERS AMERINDIA concretiza en el dominio de los estudios lingüísticos amerindios esta sana impaciencia. Esta debe sin embargo responder a otras preocupaciones.

Está claro que el estudio de las lenguas amerindias termina por despertar en el investigador un sentimiento de responsabilidad frente a las comunidades con las cuales está obligado a familiarizarse. Esto se traduce por el compromiso social de su actividad científica (programas pedagógicos, divulgación cultural etc.). Los CHANTIERS AMERINDIA deben darle los medios de una eficacia tangible, facilitando la transmisión a las comunidades de los resultados "aplicables" producidos por su investigación.

No satisface contribuir a la propagación de las investigaciones que se están llevando a cabo, por intermedio de esta serie.

Publicaciones anteriores:

- * Aspectos de la dialectología quechua, Gérald Taylor 1982.
- * Gráfico sikuani normalizada, propuestas, Francisco Queixalós 1982.
- * TZINACAPAN, toponimia y agricultura, Eliseo Zamora 1983.
- * La supervivencia de un pueblo: los HITNU, Miguel Lobo-guerrero y Xochitl Herrera 1983.
- * Yekintsin namechtapouiti se sanil..., Niños mexicanos cuentan 1983.
- * Relatos quechuas de Chachapoyas, Gérald Taylor 1983.
- * Hanan y Hurin, Anne-Marie Hocquenghem 1984.
- ** Por una educación contra el etnocidio, Troiani & al. 1984.
- ** Vocabulario mexicano de Tzinacapan, Sybille Toumi 1984.
- * Niños mexicanos cuentan, Elena Islas Manzano y Duna Troiani 1984.
- * Achkay: una tradición quechua del Alto Marañón, R. Howard 1984.
- ** La côte du Pacifique Nord-Ouest 1753-1984, Guy P. Buchholtzer 1985.
- ** La semántica del maíz entre los Mochó, Perla Petrich 1986.
- * De los Añun, Marie France Patte 1986.